

Apontamentos na produção telejornalística: um olhar sobre signos, medo e mudanças climáticas no *Jornal Nacional*¹

Mônica Candéo IURK²

Mônica Cristine FORT³

Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

Percebemos, observamos e interpretamos textos cotidianamente. Diversas linguagens (impressos, áudios, imagens), diferentes signos. No jornalismo televisivo, a narrativa utiliza códigos para construir discursos que podem gerar sensações coletivas derivadas das reportagens. O presente artigo tem como objetivo identificar elementos que podem ser interpretados como geradores de medo derivado a partir de informações apresentadas em reportagem televisiva. O assunto em pauta são as mudanças climáticas e a reportagem que serve como objeto de estudo foi apresentada no *Jornal Nacional* da Rede Globo em outubro de 2015. Busca empregar a relação triádica de Peirce: *representamen* – objeto – interpretante.

Palavras-chave

Narrativas Jornalísticas; Signos; Mudanças Climáticas; Medo.

INTRODUÇÃO

O uso da televisão como forma de se informar diariamente é prática da maioria da população brasileira⁴. Tendo como recurso as linguagens oral e visual, o jornalismo televisivo tem alto poder de penetração e sensibilização principalmente por apresentar

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo, do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Jornalista, mestranda do Programa de Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP). Professora nas Faculdades Secal, Ponta Grossa. E-mail: monicaiurk@gmail.com.

³ Professora e pesquisadora do Programa de Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP). Pós-doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Vice-líder do GP Incom – Interações Comunicacionais, Imagens e Cultura Digital. E-mail: monica.fort@yahoo.com.br.

⁴ Pesquisa Brasileira de Mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira (PBM 2015). Os dados mostram que 73% dos brasileiros assistem televisão diariamente. Deste grupo, 79% têm como objetivo principal se manter informado. O levantamento foi realizado no mês de novembro de 2014, com entrevistas pessoalmente por 300 entrevistadores nos domicílios dos 18.312 entrevistados, distribuídos entre os 26 estados e o Distrito Federal, através de questionário com 85 questões. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 20 mai 2015.

imagens em movimento. A construção das narrativas no telejornalismo segue padrões e critérios jornalísticos e de suas emissoras⁵, mas também utilizam recursos estéticos, éticos e lógicos para atrair seu público.

O jornalismo, de acordo com os *Princípios editoriais das organizações Globo* é: “aquela atividade que permite um primeiro conhecimento de todos esses fenômenos, os complexos e os simples, com um grau aceitável de fidedignidade e correção, levando-se em conta o momento e as circunstâncias em que ocorrem. É, portanto, uma forma de apreensão da realidade” (GLOBO, 2011). Como critérios para seleção do que será produzido para o jornalismo, pode-se utilizar, por exemplo, a proximidade com o fato, a abrangência do acontecimento ou ainda outras características que se enquadrem nos valores-notícia, como indicam os autores Golding e Elliot, citados por Wolf (2003):

Os valores-notícia são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público. (...) Os valores/notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são suas chances de ser incluídos. (Golding – Elliot, 1979, 114, *apud* WOLF, 1999, p. 196).

Além dos aspectos do âmbito jornalístico, há de se considerar os aspectos estéticos, ou seja, os aspectos semióticos, que são representados e interpretados, criando assim os efeitos de sentido em tudo o que é produzido, veiculado e recebido pelas pessoas. Utilizando a tríade primária da semiótica de Peirce, a pretensão deste trabalho é apontar como uma pesquisa foi reportada pelo *Jornal Nacional* e possíveis interpretações de riscos e insegurança que gerem medo no público telespectador.

SIGNOS E O MEDO NO *JORNAL NACIONAL*

O *Jornal Nacional (JN)*, no ar desde setembro de 1969, é transmitido de segunda-feira à sexta-feira entre as 20h30 e 21h15, dividido em blocos e inserido na grade de programação entre duas telenovelas, a que antecede o *JN* é de temática mais leve e a que o sucede tem uma essência mais densa, com discussões mais profundas sobre questões

⁵ Neste trabalho utilizaremos os padrões da Rede Globo de Televisão por ser o objeto de estudo um produto desta emissora.

sociais. O horário em que o *JN* vai ao ar é considerado ‘nobre’, com inserções comerciais de valores mais caros. Isso é resultado de pesquisas de audiência, pois ainda é o período do dia em que mais pessoas estão à frente da televisão.

O produto jornalístico *JN* tem temática diversificada, quer dizer que há uma mistura de temas sem uma marcação entre o final de um assunto e o outro a ser abordado. Por exemplo: num mesmo bloco do programa em que é exibida uma reportagem sobre exportação de flores, é também apresentada outra produção sobre mortos em combate. No dia da exibição da reportagem tomada como objeto do presente texto, foram apresentadas reportagens sobre o crescimento do número de empregos na área rural, outra sobre a tentativa de fuga de um presídio de um detento disfarçado como uma senhora, pesquisa que aponta a carne processada como uma causa de câncer, entre outras, num total de 21 vídeos divididos em quatro blocos e mais um *teaser*⁶ inicial com a escalada⁷ do jornal. O telespectador não é preparado para o que vem a seguir, ou seja, a intenção do produtor sobre a sequência é a que prevalece. “Temos de considerar, por outro lado, que é ao receptor que o emissor⁸, suas intenções e estratégias se dirigem. É para o *outro* e com o *outro* que o processo faz sentido. Cabe ao emissor marcar o encontro, provocar a relação” (IASBECK, *in* DUARTE; BARROS, 2005, p. 201 – grifos no original).

O objetivo deste texto é apontar signos que, interpretados, possam gerar a sensação do medo nos espectadores. Utilizamos a definição de Peirce para falar dos signos: “...é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido” (PEIRCE, 2005, p. 46). Faz-se necessário também mencionar que o signo é categorizado pelo autor em tricotomias⁹. Consideramos como categoria à pesquisa analítica neste artigo a relação triádica: *representamen* – objeto – interpretante.

⁶ *Teaser*: trecho de uma reportagem a ser apresentada durante o telejornal. Serve para destacar algo a ser ainda exibido.

⁷ ‘Escalada’ é um termo jornalístico que significa a primeira parte do jornal em televisão, quando os apresentadores falam, alternadamente, as chamadas ou títulos das matérias. Em geral as chamadas são impactantes, para atrair o público e induzir que a pessoa assista até o final do programa.

⁸ Emissor pode ser considerado como o veículo que produz e veicula o produto audiovisual, neste caso o telejornal *Jornal Nacional*.

⁹ Peirce definiu, “num nível de generalização máxima” de acordo com Santaella (2002), elementos universais e formais em todo e qualquer fenômeno: primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade seria o original, o inesperado, o acaso, a secundidade à determinação, surpresa, e a terceiridade a inteligência. “A forma mais simples da terceiridade, segundo Peirce, manifesta-se no signo, visto que o signo é o primeiro (algo que se apresenta à mente), ligando um segundo (aquilo que o signo indica, se refere ou representa) a um terceiro (o efeito que o signo irá provocar em um possível interpretante)” (SANTAELLA, 2002, p.7).

No dia 26 de outubro de 2015 foi ao ar uma reportagem com a chamada *Cientistas dizem que calor vai tornar vida insuportável em região do planeta*¹⁰, sobre as mudanças climáticas e uma das possíveis consequências levantadas pelos cientistas. Considerando as categorias de Peirce, podemos apontar a primeira relação semiótica: a pesquisa científica como objeto, a reportagem como signo e a reação, desconhecida do público, o seu interpretante. Porém, como um signo gera outro a partir da interpretação, de acordo com o que explica Andacht (informação verbal, 2015): “A significação do que um signo representa somente pode ser compreendida ou captada em outro signo mais desenvolvido, que Peirce chama de interpretante e que é gerado no processo semiótico autônomo da ação de signos ou semiose”, os apontamentos sobre os signos seguem na sequência cronológica da produção do *JN*.

A reportagem televisiva selecionada como objeto deste estudo, a primeira a ser exibida no segundo bloco do programa *JN*, tem a duração de quase dois minutos (1’57”) e abordou a hipótese de que a região do Golfo Pérsico será inabitável até o fim deste século. A narrativa jornalística traz, em nossa concepção, equívocos do ponto de vista jornalístico e é suportada pela encenação e utilização de elementos audiovisuais que auxiliaram na construção da reportagem. O tema da reportagem é um estudo que indica que a temperatura, em determinadas regiões da Terra, subirá acima da capacidade do organismo humano suportar. Na chamada da matéria, o apresentador William Bonner informa: “Um estudo que envolveu **cientistas de duas universidades americanas** concluiu que uma região do planeta pode se tornar simplesmente inabitável até o fim deste século”.

Figuras 1 – Apresentadores do *Jornal Nacional* chamando a matéria.



Fonte: Montagem a partir de material disponível em *G1, Jornal Nacional*, de 26 out. 2015.

¹⁰ Título de chamada na página do *Jornal Nacional* no G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/cientistas-dizem-que-calor-vai-tornar-vida-insuportavel-em-parte-do-planeta.html>>. Acesso em: 28 out. 2015.

Os jornalistas apresentadores do *JN*, Bonner e Renata Vasconcelos (Figura 1), podem ser considerados, de acordo com Andacht referindo-se ao conceito de Peirce, como símbolos¹¹, convencionado como forma de uma ‘lei’ pela associação de ideias que a pessoa do jornalista representa na bancada do programa televisivo. Na chamada da reportagem, o texto é falado pelo apresentador em tom de voz normal, porém, percebe-se a entonação mudar quando fala a palavra “simplesmente” destacando a palavra que vem a seguir: “inabitável”. Enquanto o jornalista fala, as mãos gesticulam e há uma interpretação do texto abordado, uma tensão refletida nos semblantes sérios dos dois apresentadores.

Um aspecto que julgamos importante é a não identificação das instituições responsáveis pela pesquisa, citadas na reportagem apenas como “universidades americanas”, assim como a não menção do local na chamada da matéria¹². A representação de Bonner por ele mesmo, âncora e editor-chefe do *Jornal Nacional*, responsável pelo conteúdo que será transmitido, são as estratégias apresentadas por Goffman (1959, 1985, 2002) quando aborda a representação falsa: “As técnicas de comunicação, tais como a insinuação, a ambiguidade estratégica e omissões essenciais permitem ao informante enganador aproveitar-se da mentira sem tecnicamente dizer nenhuma” (GOFFMAN, 2002, p. 63).

A posição da câmera no início da chamada dos apresentadores sentados na bancada do estúdio faz com que pareçam “...estar olhando diretamente, dirigindo as suas palavras a cada um de nós”, afirma Roy Armes (1999, p. 156). Outra característica que aproxima o espectador e destaca a informação como de grande importância nessa etapa pré-reportagem é que enquanto a dupla faz a encenação da chamada, há um movimento de câmera em direção aos apresentadores em *travelling* lateral¹³. Além do destaque ao jornalista Bonner, há a composição de cena com a jornalista Renata Vasconcelos, companheira de bancada, conforme já observado na Figura 1. Os dois encenam uma situação-conversa harmoniosa¹⁴, trocam olhares e confirmam um ao outro as informações.

Acreditamos ser importante destacar, a partir dos apontamentos de Goffman (1985, 2002), dois aspectos desta primeira etapa: a descaracterização do local e a ênfase na palavra simplesmente. O interpretante do signo, ou a interpretação dos telespectadores, da reportagem televisiva pode ser: “O meu lugar é esse que será simplesmente inabitável?”.

¹¹ “O símbolo é um signo pronto para ser interpretável e é previsível” (ANDACHT, informação verbal, 2015).

¹² Essa não localização geográfica pode representar o nosso lugar, o vosso lugar e todos os lugares.

¹³ Movimento de câmera que se desloca no espaço paralelamente ao objeto principal do plano.

¹⁴ “*Harmonia* é a disposição bem ordenada entre as partes de um todo; concórdia; concordância” (WEIL, TOMPAKOW, 2003).

Ou seja, o *Umwelt*¹⁵ do telespectador está em perigo, pode ser a nossa região essa a qual o jornalista falou, e agora?! E o advérbio de modo *simplesmente* falado por Bonner potencializa a situação meramente pelo significado da norma culta da língua portuguesa, porém, com a interpretação, conforme a palavra é proferida pelo apresentador, o significado da frase se torna um alarme, uma situação que está para acontecer aqui e agora. Consideramos outro aspecto formador do efeito de sentido como a reiteração de perigo que representa o semblante da jornalista Renata Vasconcelos. Durante a fala de Bonner, ela acompanha a frase, confirmando as informações e, ao final, levanta a sobrancelha esquerda representando tensão naquela possibilidade apresentada. Tais apontamentos podem ter como consequência a insegurança e o medo.

A reportagem começa com passagem¹⁶ do jornalista Hélder Duarte, há um fundo em *chroma key*¹⁷ com a imagem de um local frio, com neve. Duarte veste jaqueta. Enquanto o repórter fala, o fundo é trocado por uma paisagem indicando calor e ele aparece vestido com uma camisa mais leve, remetendo à temperatura mais alta. O fundo volta a mudar, ficando o cenário atrás do repórter dividido entre as duas paisagens, conforme a Figura 2:

Figura 2: Repórter Hélder Duarte com fundo em paisagens de calor e frio



“A gente sempre ouve dizer que o ser humano consegue se adaptar a quase tudo. Por exemplo: ao frio extremo, ao calor exagerado que tem feito quase no mundo todo. Mas não é bem assim não, viu? O nosso corpo tem um limite. E a gente já pode estar bem perto de chegar **ou** ultrapassar esse limite” (texto da primeira passagem do jornalista Helder Duarte, na reportagem analisada no presente estudo).

Fonte: *G1, Jornal Nacional*, 26 out. 2015¹⁸.

No referido trecho, é nítida a representação ficcional, ou seja, o repórter não está naqueles ambientes mostrados: com paisagens extremas em um mesmo momento com calor e frio. Outro elemento que auxilia o efeito de sentido da hipótese da reportagem é a

¹⁵ O termo *Umwelt* corresponde em português a *ambiente, mundo ambiente* ou, com menos propriedade, *meio ambiente*. No sentido, porém, em que o autor o emprega, ele significa qualquer coisa que depende do ser vivo considerando, e resulta de uma como que seleção por este realizada, dentre todos os elementos do ambiente, em virtude da sua própria estrutura específica – o seu *mundo-próprio*. (UEXKÜLL, 1943, p. 24).

¹⁶ Presença do repórter no vídeo.

¹⁷ Técnica de efeito visual que consiste em colocar uma imagem sobre uma outra por meio do anulamento de uma cor padrão.

¹⁸ Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/cientistas-dizem-que-calor-vai-tornar-vida-insuportavel-em-parte-do-planeta.html>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

interpretação e entonação durante o texto narrado por Hélder Duarte. Na frase: “E a gente já pode estar bem perto de chegar ou ultrapassar esse limite”, ele enfatiza a conjunção coordenativa *ou*. É possível interpretar, dada a ênfase do jornalista, que já ultrapassamos o “limite”. Os gestos que faz com as mãos reforçam a mensagem. Na sequência, a reportagem é construída com imagens de ruas de uma cidade, ainda sem identificação, onde muitas pessoas (orientais) estão caminhando no ambiente urbano, com asfalto, prédios e trânsito e parecem “sofrer” com o calor excessivo – toalhas e sombrinhas são utilizadas para proteção, pessoas se abanam e movem-se com esforço.

Sobre o conteúdo de informações, até esse momento os elementos que constroem o texto são as consequências do aumento da temperatura. Porém, ainda não foi apresentada a pesquisa científica, ou seja, as informações apresentadas pelos apresentadores indicaram uma das conclusões do estudo (a temperatura em determinadas regiões será insuportável à vida humana). Na passagem, no início da matéria, o repórter comenta que o corpo humano tem limites, embora haja a impressão de que se adapta a frios e a calores intensos. Parece indicar que o corpo pode adoecer e que haverá sofrimento caso haja mudanças ainda mais severas nas temperaturas terrestres, mas sem explicar o porquê e como (elementos essenciais em textos noticiosos) até o momento. É mais uma característica que amplia a situação de perigo, amplia a sensação de risco e gera o medo.

Só então, em *off*, com imagens de pessoas parecendo sofrer com temperaturas exageradas do ambiente urbano, o repórter passa a mencionar como foi feita a pesquisa: “E pra entender melhor o que os cientistas anunciaram hoje, vamos saber como eles fizeram os cálculos”. Entra na sequência elementos de computação gráfica, com uma animação do corpo humano que gira (Figura 3). O texto, ainda em *off* do jornalista, informa sobre o perigo do aumento da temperatura de “bulbo úmido”. A reportagem não esclarece exatamente o que é a temperatura do bulbo úmido, menciona apenas que leva em conta também a umidade do ar, mas como não se trata de expressão corriqueira, a definição poderia ser mais complexa, exigir explicações mais didáticas aos espectadores, o que nem sempre é possível em telejornais que têm pouco tempo de duração. Vejamos o trecho da reportagem que menciona tal informação:

Os pesquisadores não usaram a temperatura normal, essa da previsão do tempo. Mas a chamada temperatura de bulbo úmido, que leva em conta também a umidade do ar. O homem e a maioria dos seres vivos podem, geralmente, suportar essa temperatura até os 35°C. Isso por um período de menos de seis horas. Acima desse nível, o corpo até de pessoas jovens e

saudáveis pode entrar em colapso e a **morte**¹⁹ é a consequência mais provável. (DUARTE, *in* JN, 26 out. 2015).

Figura 3: Arte com animação do corpo humano – recurso audiovisual produzido para a matéria



Fonte: *G1, Jornal Nacional*, 26 out. 2015

Até esse ponto, observamos que não há clareza entre imagens e texto narrado. Em determinados momentos, parecem desconexos, pois enquanto o repórter fala de Nova York (onde é correspondente nos Estados Unidos, país onde as pesquisas foram anunciadas), as imagens que ilustram o texto parecem ser de um país asiático (Figura 4) – até poderiam ser de um bairro asiático em Nova York mesmo, já que existem, mas em outra passagem, na continuidade da reportagem, e essa em ambiente externo (o áudio capta som ambiente indicando que há trânsito de automóveis na região), o repórter está com roupa de frio, ao fundo um transeunte também está com roupas mais pesadas (jaqueta que parece ser reforçada).

Figura 4: Movimentação nas ruas



Fonte: *G1, Jornal Nacional*, 26 out. 2015

¹⁹ Grifo das autoras. A utilização da palavra morte potencializa a insegurança, o risco iminente de que essa situação possa chegar até onde o telespectador está.

Podemos indicar que aqui são “Os ‘lugares comuns’ que desempenham um papel enorme na conversação cotidiana têm a virtude de que todo mundo pode admiti-los e admiti-los instantaneamente: por sua banalidade, são comuns ao emissor e ao receptor” (BOURDIEU, 1997, p. 41). Esse “lugar comum” pertence ao *Umwelt* do telespectador, pois as imagens (conclui-se que são imagens de arquivo da emissora) se referem a pessoas em área urbana, dirigindo-se ao trabalho, as suas casas, fazendo uma atividade qualquer em qualquer lugar do planeta. Como reforço da deslocalização, na sequência do vídeo há a nova passagem do jornalista. Ele está em área externa de um local não identificado, o que aproxima o conteúdo/repórter do espectador.

É fim de outubro, as temperaturas começam a cair no hemisfério norte. Na segunda passagem, Hélder Duarte comenta que em princípio, 35° C não parece ser muito, mas que até hoje, dificilmente essa temperatura de bulbo ultrapassa 31° C, “mesmo nas regiões mais quentes do planeta”. Só então, o repórter passa a falar de como foi feito o estudo. Informa que os cientistas:

...pegaram como base do estudo uma das regiões mais quentes do planeta: o Golfo Pérsico. E consideraram que as emissões de gases responsáveis pelo aquecimento global continuem sem controle. O resultado é que, até o fim do século, as principais cidades da região vão enfrentar ondas de calor, acima dos 35°C, é o calor mortal (DUARTE, *in* JN, 26 out. 2015).

As imagens que ilustram o trecho do texto mencionado também parecem ter sido captadas em outros momentos (arquivo). Além de um mapa, que aparenta ser resultado de computação gráfica, demonstrando um globo terrestre e destacando onde está o Golfo Pérsico, região da base do estudo, há *takes* de chaminés emitindo muita fumaça, cenas de regiões áridas, desertos. Mas, a partir da referência ao “calor mortal”, há o que vamos denominar de ponto de virada da matéria, quando o jornalista diz: “Mas nem tudo é má notícia”. A imagem apresentada é a de um pesquisador, denominado chefe da pesquisa (Figura 5): “Elfati Eltahir é um dos chefes da pesquisa. Ele diz que se todos realmente se esforçarem pra reduzir a emissão de gases, as mudanças no clima não serão tão severas” (DUARTE, *in* JN, 26 out. 2015). Em momento algum do produto audiovisual, as ‘instituições americanas’ são identificadas, o que segue com o pesquisador: não há o cumprimento de uma das premissas do jornalismo: a informação clara e precisa. O vídeo da

fala de Eltahir parece retirado de algum outro produto, pode-se deduzir que não foi uma entrevista para o *JN*.

Figura 5: Elfati Eltahir, apontado como um dos chefes da pesquisa



Fonte: *G1, Jornal Nacional*, 26 out. 2015

A última frase falada pelo repórter: “Temos uma chance. Mas não podemos ficar de braços cruzados” (DUARTE, *in JN*, 26 out. 2015). Esse ponto é uma chamada para o engajamento. A mensagem pode ser interpretada como: “Você faz parte desse processo, precisamos que você também atue nesta ação”. É como se o repórter quisesse dar uma lição aos espectadores, dividindo a culpa, provocando o medo: se não forem tomadas providências, todos sofrerão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de informação precisa, a descontextualização do local, a não identificação das universidades americanas no texto, apontam para a intenção de confundir o espectador. Os signos que poderiam auxiliar na localização, percepção do real problema, são subestimados e desconexos, assim como os dados apontados como uma pesquisa científica de instituição estrangeira. A autoridade parece ser o fato de que os estudos são norte-americanos. Mas o que significam? É a espetacularização do material jornalístico. “Em toda a parte onde há *representação* independente, o espetáculo reconstitui-se” (DEBORD, 2003, p.19). Dando ênfase à representação, a reportagem não parece ser realidade como sugere o documento de princípios editoriais das Organizações Globo.

Bucci (1997) menciona a dramatização no jornalismo brasileiro. Segundo o autor, ao jornalismo não basta informar, mas também chamar a atenção, surpreender e assustar. “Os produtos jornalísticos são produtos culturais e, nessa condição, fazem o seu próprio

espetáculo para a plateia. Como se fossem produtos de puro entretenimento, buscam um vínculo afetivo com o freguês. Mas o que se dá na televisão é mais que isso – e na televisão brasileira é duas vezes mais” (BUCCI, 1997, p. 29). A referência ao espetacular é tema frequente em pesquisas da área. A televisão é vista como sistema semiótico complexo (SANTAELLA, 1996), por reunir linguagens de diferentes mídias: palavras do impresso, sons do rádio, imagens da fotografia, movimentos e luzes do cinema.

Destacamos durante o texto alguns aspectos em que os signos podem ser interpretados como risco, perigo e tenham como consequência o medo, ou seja, o efeito de sentido da reportagem pode amedrontar. As indicações se aproximam do que caracteriza o *problem frame* apontado por Altheide²⁰, que constituem o misto de notícia com entretenimento e têm como consequência o medo. Para o autor, o quadro problema é construído sobre uma estrutura narrativa coerente, com começo, meio e fim. Assim, é universal e específico, abstrato e real. Para fins de entretenimento e de identificação com o público, quanto mais próximo o leitor/ouvinte/espectador está do evento em questão, mais relevante é a notícia²¹ (ALTHEIDE, 2002, p. 47 – tradução livre).

Durante a breve pesquisa analítica, foi possível perceber que há muitos signos derivados do objeto escolhido – a pesquisa científica sobre a hipótese de o Golfo Pérsico se tornar inabitável em um breve espaço de tempo. As opções sobre a maneira estética de construir a narrativa jornalística estão diretamente ligadas a qual efeito de sentido os produtores pretendem criar. Nessa reportagem, o medo fica real, pois é sabido que as mudanças climáticas estão acontecendo. Em uma pesquisa²² realizada pelo jornal *El País*, divulgada em agosto de 2015, com a pergunta: *Do que as pessoas ao redor do mundo têm medo?*, 46% dos entrevistados afirmaram que estão *muito* preocupados com a mudança climática. Portanto, essa reflexão não se esgota por aqui. A pesquisa através das tricotomias de Peirce deve ser ampliada e aprofundada. Pretendemos dar sequência ao estudo, abordando mais reportagens e outros gêneros de informação. Outras temáticas, derivadas ou relacionadas às mudanças climáticas, como o aparecimento de novas doenças ou tragédias e ameaças ambientais, também estão nos planos futuros.

²⁰ Altheide estudou violência, crimes e medo e publicou na obra: *Creating fear: news and the Construction of Crisis*.

²¹ Built on a narrative structure that adds story-like coherence, with a beginning, middle, and end, the problem frame is both universal and specific, abstract and real. For entertainment and audience identification purposes, the closer the reader/listener/viewer is to the actual event, the more salient the report (ALTHEIDE, 2001, p. 47).

²² Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/01/internacional/1438445047_049790.html>. Acesso em: 17 nov. 2015.

REFERÊNCIAS

ANDACHT, Fernando. Aula do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba. 2015

ARMES, Roy. **On Vídeo**. São Paulo: Summus, 1999.

ALTHEIDE, David. **Creating Fear: News and the Construction of Crisis**. New York: Aldine De Gruyter, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

COUTINHO, I. M. S. **Telejornalismo no Brasil: um olhar sobre os reflexos do padrão americano**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. Intercom 2005: Ensino e Pesquisa em Comunicação. Rio de Janeiro: Intercom e UERJ, 2005. v. 1.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. eBooks Brasil. 2003

EL PAÍS. **Do que as pessoas ao redor do mundo têm medo?** Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/01/internacional/1438445047_049790.html. Acesso em: 17/11/2015.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

IASBECK, Luiz Carlos. Método semiótico. In DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

JORNAL NACIONAL. **Cientistas dizem que calor vai tornar vida insuportável em região do planeta**. Jornal Nacional. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/cientistas-dizem-que-calor-vai-tornar-vida-insuportavel-em-parte-do-planeta.html>>. Acesso em: 28 ou. 2015.

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/formato.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

ORGANIZAÇÕES GLOBO. **Princípios editoriais das Organizações Globo**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. **A cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

SYLVESTRE, Helena Schiavoni; DOMINGOS, Adenil Alfeu. **Fenomenologia de Peirce: Uma Análise do Repórter Eco**. Anais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, São Paulo, 2011.

UEXKÜLL, Jakob Von. **Dos animais e dos homens: digressões pelos seus próprios mundos, doutrina do significado**. tr. Alberto Candeias e Aníbal Garcia Pereira. Lisboa: Livros do Brasil, 1943.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O Corpo Fala: a linguagem silenciosa da comunicação não- verbal**. 56 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. 5ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.